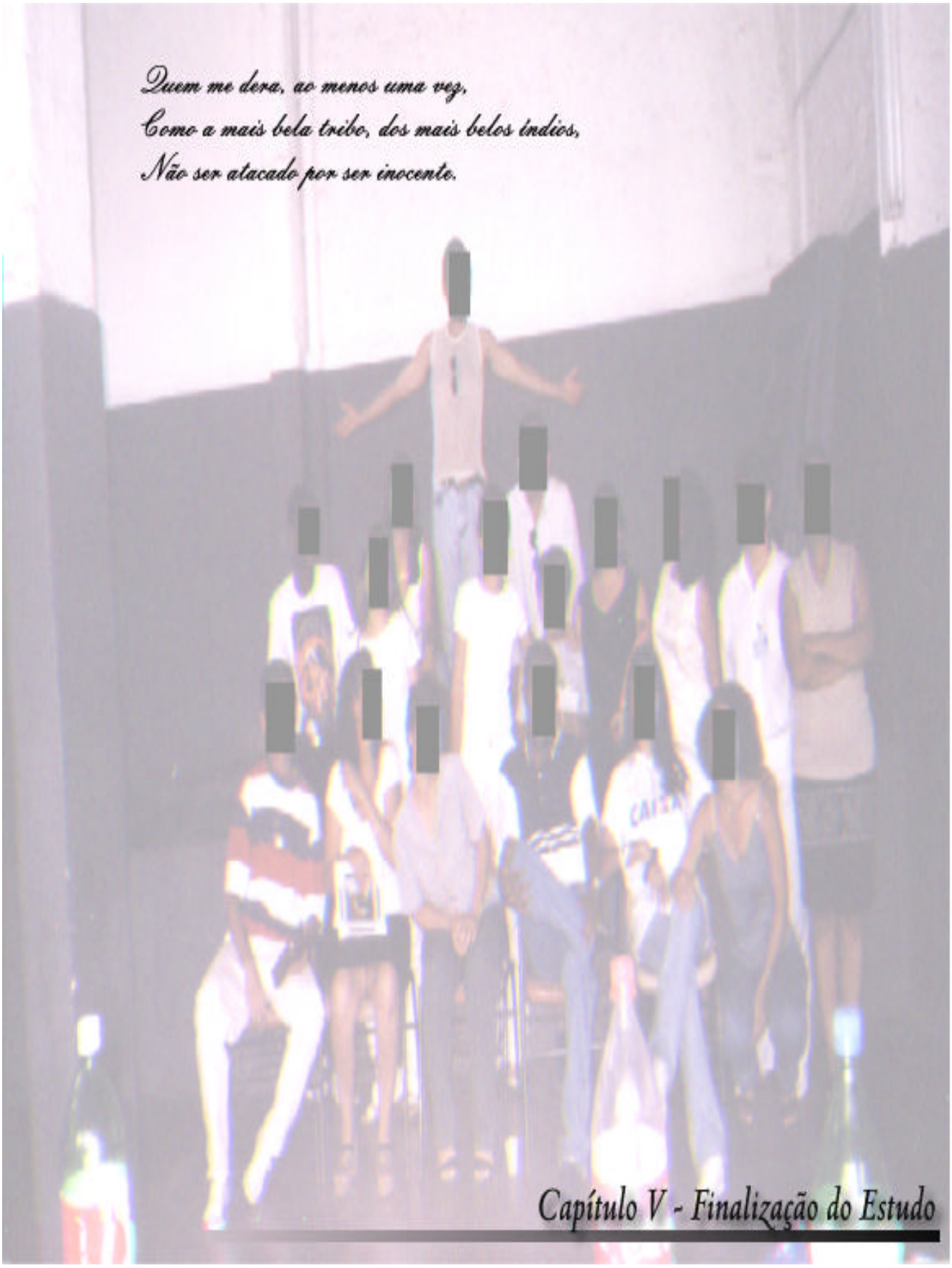

Fotografia: Comemoração do Natal entre funcionários e pacientes.

CAPÍTULO V

FINALIZAÇÃO DO ESTUDO

A sobrevida mediana no Brasil, dos pacientes com aids maiores de 12 anos, no período de 82 a 89, era de apenas 5,1 meses (Chequer apud Boletim Epidemiológico AIDS, 2002), isto significa dizer que cerca de 50% dos pacientes morriam em menos de seis meses, após o diagnóstico da primeira infecção oportunista. Com o advento do coquetel, esta sobrevida melhorou. Estudos internacionais posteriores demonstram que os pacientes em uso desse tratamento, apresentam uma mudança impressionante no seu curso clínico, registrando-se, nessas populações, grande queda dos coeficientes de mortalidade, drástica redução da incidência de infecções oportunistas, grande aumento da qualidade de vida e principalmente aumento significativo da sobrevivência (Boletim Epidemiológico AIDS, 2002).

A aids impõe mudanças profundas na vida de seus portadores. Essa necessidade é tão grande que muitos pacientes, durante pelo menos algum tempo, se recusam a lidar com a realidade. Com este distanciamento,

o paciente não irá seguir recomendação médica e de enfermagem, possibilitando a diminuição da sobrevida do portador do HIV/aids.

Diante desta perspectiva, assumimos como objetivo deste estudo avaliar o processo grupal como recurso terapêutico e de ajuda, no tratamento clínico-ambulatorial da população de portadores de HIV/aids, submetendo-se à análise as diversas etapas das sessões; acreditando que a convivência com outros portadores da mesma infecção/doença, possa propiciar ao paciente um melhor enfretamento da doença.

As abordagens grupais têm se mostrado um terreno propício ao estudo e compreensão do indivíduo fragilizado, pois é nos grupos que nos defrontamos com situações novas, com as quais podemos estudar e ensaiar estratégias para abordá-las terapeuticamente. Acreditamos que uma das funções primordiais dos grupos humanos é justamente dar sustentação à fragilidade do ser humano no seu período evolutivo, permitindo que a cada momento encontre no grupo, seja ele, familiar ou social, a ajuda necessária para o alívio dos sofrimentos existenciais.

O sofrimento é uma condição natural na vida humana, por isso é significativo manejá-lo com criatividade, com o objetivo de estabelecer mudanças nos mundos externos e internos do sujeito. Assim, o grupo é uma forma de se estruturar as experiências de perdas, ódios e conflitos. É uma forma de possibilitar o fortalecimento do ego.

Diante desse pressuposto, compreendendo que a abordagem grupal é uma fonte riquíssima de aprendizado para o paciente portador de

HIV/aids, passamos a apresentar o que detectamos através dos depoentes pacientes/funcionários os seguintes tópicos:

Comportamentos antes de participar do grupo

De acordo com o relato dos pacientes, detectamos que a maioria não possuíam nenhuma atividade antes de participarem do grupo. Percebemos que esse isolamento propiciava ao paciente pensar na evolução da doença e suas possíveis conseqüências como: depressão, sofrimento e morte. Detectamos também que outros passam a cuidar de seus familiares.

Quanto à avaliação dos funcionários, revelam que antes de iniciar as atividades grupais, os pacientes se afastavam de seus amigos, familiares e da equipe que os assiste. Diante do diagnóstico de HIV/aids, por se sentirem discriminados pela sociedade, o paciente não se sente no direito de opinar no seu tratamento. Utilizavam o Ambulatório apenas, com o intuito de buscar seu medicamento.

Mudanças percebidas nos pacientes após a participação nas atividades grupais

Todos os pacientes relatam que o grupo ofereceu ajuda significativa para sua adesão ao tratamento, compreensão, reflexão,

aceitação e enfrentamento da doença. Melhorou sua auto-estima, diminuiu seu isolamento e passou a ter esperança e a melhorar a qualidade de vida.

Para os funcionários o acolhimento dos pacientes no Ambulatório trouxe mudanças percebidas como significativas para a adesão ao tratamento do paciente. Perceberam mais motivação e participação no tratamento, mais descontração, pertencimento, união, abertura ao diálogo, aumento da auto-estima, passaram a reivindicar direitos, cidadania e solidariedade. O modo como o paciente passou a ser tratado no Ambulatório influenciou no seguimento das recomendações traçadas em seu tratamento, o grupo proporcionou ajuda na integração e melhora do relacionamento pacientes-funcionários e ajudou no crescimento da equipe. Proporcionou, principalmente, o resgate da dignidade humana.

Interação do paciente para com o grupo

Notamos que a convivência do paciente em um grupo homogêneo/aberto, possibilitou uma reflexão de seu comportamento em relação aos demais. Sentiram valorizados nesta interação, o ensinar e aprender foram transferidos para as relações do grupo. Sentimentos de pessimismo, depressão e outros efeitos psicológicos, advindos da doença, foram aliviados pelo suporte emocional existente no grupo.

Pichon-Riviére (1986) enfatiza que a função primordial de um grupo é o de “aprender a aprender”, “aprender a pensar”, isto é, desenvolver a capacidade de resolver contradições no campo grupal, possibilitando,

portanto, a elaboração de tarefas. A identificação da tarefa é prioridade na constituição do grupo, pois funciona como um esquema referencial comum que orienta para a ação. Busca-se a passagem da dependência do paciente à autonomia, da passividade à ação, da competição à cooperação.

Comentários sobre as atividades do grupo

Os sujeitos acreditam que obtiveram mais benefícios do que ofereceram. Notamos que os pacientes gostariam que as atividades grupais fossem inseridas em seu tratamento. Os trabalhos manuais trouxeram, além de um aprendizado, um suporte para manter-se financeiramente.

Constatamos que alguns fatores poderiam estar interferindo no seu tratamento como: o transporte oferecido pelo Ambulatório que foi considerado pelo paciente, como algo que denunciava a identidade do grupo, expondo sua condição de portador da aids publicamente. O grupo sentiu-se desprotegido e inseguro em termos de privacidade. O lanche, também, foi citado como um assunto a ser resolvido no contexto do grupo.

Os sujeitos se mostraram receptivos a dar continuidade ao trabalho, inclusive, aumentando o número de integrantes.

Percebemos que o trabalho grupal proporcionou um novo olhar, quanto à assistência oferecida ao paciente.

Quanto aos funcionários percebemos que os mesmos reconheceram uma mudança significativa nos pacientes que freqüentaram o grupo, tanto que, sugerem a abertura de novos grupos, inclusive com a

participação da família. Mudanças, estas, consideradas efetivas na assistência integral a esta população.

Foram dadas sugestões para melhorar as atividades grupais, tais como: espaço físico, recursos humanos, infra-estrutura, recursos financeiros, parcerias com a comunidade, investimento e vontade política.

Percebemos que é importante o preparo emocional da equipe no manejo com os pacientes portadores de HIV/aids, pois, sem o mesmo o trabalho se tornará estressante, conforme relatado em depoimento. Considerou-se importante que não só os pacientes recebam acompanhamento psicológico, mas que este seja extendido, também, aos demais membros da equipe.